



## A melhoria no perfil das exportações brasileiras em 2005

Produtos que agregam maior conteúdo tecnológico tendem a aumentar sua participação no comércio internacional, sendo menos sensíveis às variações conjunturais dos preços e menos dependentes do crescimento da economia mundial. Embora a vigorosa expansão da economia chinesa tenha contribuído para reduzir conjuntamente essa tendência após 2003, expandindo os preços das *commodities* primárias, a elevação do conteúdo tecnológico na pauta de exportações segue sendo um sinal saudável para o setor externo de um país.

O ano de 2005 foi marcante para a economia brasileira não apenas pela continuidade do crescimento das exportações — aumento de 22,63% em relação ao ano de 2004, atingindo US\$ 118.308 milhões —, mas também por uma ligeira melhora no perfil dos produtos remetidos ao exterior.

Um indicador desse avanço pode ser encontrado no crescimento da contribuição das exportações de produtos manufaturados para a elevação das exportações do País em 2005. Os bens manufaturados foram responsáveis por mais de 55% do aumento das exportações brasileiras frente às do ano anterior: dos US\$ 21.833 milhões de aumento das exportações brasileiras em relação ao ano de 2004, US\$ 12.194 milhões decorreram do avanço das vendas de bens manufaturados. Trata-se de um índice bastante inferior àquele dos países com maior participação nas exportações mundiais (a própria média mundial apontava cerca de 80% de bens manufaturados na composição do comércio internacional), mas, ainda assim, é um sinal de que, ao menos em 2005, esse segmento liderou o dinamismo do setor externo da economia nacional.

O acompanhamento da estrutura tecnológica das exportações brasileiras também é relevante, uma vez que grande parte dos bens manufaturados incorpora tecnologias simples e bastante disseminadas em seus processos produtivos. Percebe-se, pela tabela, que o Brasil retomou o perfil das exportações de alto e médio-alto conteúdo tecnológico vigente em 2002 (cerca de 27% do total a partir da soma das duas categorias), ou seja, anteriormente ao crescimento dos preços das *commodities*, que contribuíram para a substancial melhoria das exportações nacionais a partir de 2003. Esse comportamento se deveu principalmente ao aumento nas exportações de produtos como telefones celulares, automóveis e bens de capital.

Para 2006, com a esperada continuidade do crescimento da economia mundial, a principal ameaça à permanência desse desempenho advém da contínua deterioração da rentabilidade das exportações dos setores industriais tecnologicamente mais avançados, devido à apreciação da moeda nacional. Estimativas da Funcex indicam uma queda na rentabilidade das exportações de equipamentos eletrônicos e de veículos automotores de 49,6% e de 33,1%, respectivamente, na comparação do quarto trimestre de 2005 com o terceiro trimestre de 2000 (período-base). Sendo setores com forte presença de empresas multinacionais, as matrizes exigem imediatas reduções nos custos de produção, para que os contratos de exportação, a partir do Brasil, mantenham sua rentabilidade. Espera-se que a valorização do real não se aprofunde, ao longo do ano, de modo a comprometer essa saudável recuperação do perfil das exportações brasileiras.

Estrutura das exportações, segundo a intensidade tecnológica dos produtos, no Brasil — 2002-05

	(%)			
INTENSIDADE TECNOLÓGICA	2002	2003	2004	2005
Baixa .....	37,9	38,8	37,7	35,9
Média-baixa .....	12,6	13,2	14,5	13,7
Média-alta .....	18,4	19,0	19,1	20,2
Alta .....	9,2	6,4	6,3	7,0
Não industrializados ..	20,2	20,9	20,9	21,4
Não classificados .....	1,7	1,7	1,5	1,8
<b>TOTAL .....</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE DOS DADOS BRUTOS: [www.funcex.com.br](http://www.funcex.com.br) Acesso em: 13 fev. 2006.

## O crescimento demográfico dos municípios do Litoral Norte

As estimativas populacionais de 2005 mostram um elevado crescimento demográfico nos municípios do Corede Litoral, fenômeno, aliás, que já vem ocorrendo desde a década de 80. No período 2000-05, esse crescimento foi da ordem de 2,6% ao ano, e, entre os Coredes, somente o Pararanhãna-Encosta da Serra, com uma taxa de 2,8% ao ano, teve aumento superior ao do Litoral.

Na tabela, pode-se verificar que elevadas taxas de crescimento populacional ocorrem principalmente nos municípios balneários. Dado que as estimativas populacionais se referem

somente aos moradores permanentes e que a taxa de ocupação dos domicílios da maioria dos municípios da orla, para o ano de 2000, ficava abaixo de um quinto (com exceção de Capão da Canoa, Tramandaí e Torres), conclui-se que muitos desses domicílios são ocupados somente nos meses de verão. Apesar de ser ainda baixa, essa ocupação tende a crescer, impulsionada pelo dinamismo do verão, que atrai mão-de-obra do setor serviços para o atendimento da população flutuante, e pela parcela da população aposentada, que passa grande parte do ano no litoral.

População, taxa de crescimento populacional anual e taxa de ocupação dos domicílios, por município do Corede Litoral, no RS — 2000 e 2005

DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO EM 2005	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL 2000-05 (%)	TAXA DE OCUPAÇÃO DOS DOMICÍLIOS EM 2000 (%)	DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO EM 2005	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL 2000-05 (%)	TAXA DE OCUPAÇÃO DOS DOMICÍLIOS EM 2000 (%)
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	10 749 595	1,1	85,4	Palmares do Sul .....	11 797	1,7	33,2
<b>Corede Litoral</b> .....	318 764	2,6	41,2	Osório .....	38 736	1,4	71,2
Capão da Canoa .....	38 668	4,9	30,6	Itati (1) .....	3 040	1,4	-
Tramandaí .....	38 881	4,6	33,6	Caraá .....	6 831	1,3	76,8
Imbé .....	15 331	4,6	18,2	Três Cachoeiras .....	10 083	1,1	89,1
Cidreira .....	11 116	4,6	18,4	Santo Antônio da Patrulha .....	39 136	1,1	84,3
Xangri-lá .....	10 097	4,3	19,9	Mampituba .....	3 202	0,6	88,4
Balneário Pinhal .....	8 969	3,8	18,4	Terra de Areia .....	8 858	0,6	74,8
Arroio do Sal .....	6 144	3,1	18,6	Dom Pedro de Alcântara ...	2 695	0,4	84,9
Capivari do Sul .....	3 609	3,0	83,6	Maquiné .....	7 425	0,3	75,3
Torres .....	34 750	2,4	54,4	Três Forquilhas .....	3 179	-0,4	83,8
Mostardas .....	12 843	2,0	58,8	Morrinhos do Sul .....	3 374	-0,9	91,0

FONTE: [www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg\\_populacao.php](http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_populacao.php) Acesso em: 17 fev. 2006.

[www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=3&i=P&c=1310](http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=3&i=P&c=1310) Acesso em: 17 fev. 2006.

(1) Município criado em 2001; em 2000, pertencia a Terra de Areia.

Maria de Lourdes Teixeira Jardim (FEE/CIE)

## Universalização da telefonia no RS

A política de telecomunicações tem sido, nos últimos anos, uma das políticas públicas mais bem-sucedidas. Resultados dessa política no RS são a universalização do acesso e a adesão maciça aos serviços de telefonia. Em 2005, para cada 100 habitantes, foram disponibilizados para uso 91 telefones, sendo a densidade celular 64, e a de telefones fixos, 27. A grande adesão dos gaúchos só não supera a do DF e a do RJ, por terem áreas geográficas e urbanas mais densas. Em 2004, dentre os gaúchos com renda mensal de até 10 salários mínimos (SMs), 36,6% tinham somente telefone celular; 12,6%, somente fixo; e 34,0%, fixo e celular. Os moradores urbanos apresen-

tavam alto percentual de adesão: por exemplo, daqueles com renda mensal de até três SMs, cerca de 70,8% possuíam telefone. Curiosamente, os moradores rurais também apresentavam alta adesão, numa relação de 68,6%.

Além do fator renda, que explica a universalização da telefonia, cabe destacar a preferência pela telefonia celular puxada pelos planos pré-pagos, que representam mais de 80% dos telefones. Outro fator é a capilaridade da rede de telefonia fixa, atendendo a todas as localidades do RS, e a cobertura da rede celular, que dá sinal para 95,5% da população.

Percentual de moradores com telefone, segundo a renda mensal em SMs, no RS — 2004

DISCRIMINAÇÃO	TOTAL	ATÉ 1 SM	ATÉ 3 SMs	MAIS DE 3 a 5 SMs	MAIS DE 5 a 10 SMs	ATÉ 10 SMs	MAIS DE 10 SMs
<b>Moradores com telefone</b> .....	83,8	49,4	66,5	87,4	95,7	81,1	99,5
Somente celular .....	32,3	-	-	-	-	36,6	8,8
Somente fixo .....	11,4	-	-	-	-	12,6	4,8
Celular e fixo .....	40,1	-	-	-	-	31,9	85,8
<b>Moradores sem telefone</b> .....	16,2	50,6	33,5	12,6	4,3	23,2	0,5
<b>TOTAL</b> .....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Moradores com telefone</b>							
Urbanos .....	87,4	57,2	70,8	91,1	96,8	84,9	99,8
Rurais .....	68,6	34,3	54,9	71,1	90,4	62,8	95,7

FONTE: IBGE (2004): Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Renato Antônio Dal Maso (FEE/CEES)



Tenha acesso a esta e a outras  
publicações em  
nossa Home Page  
[www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

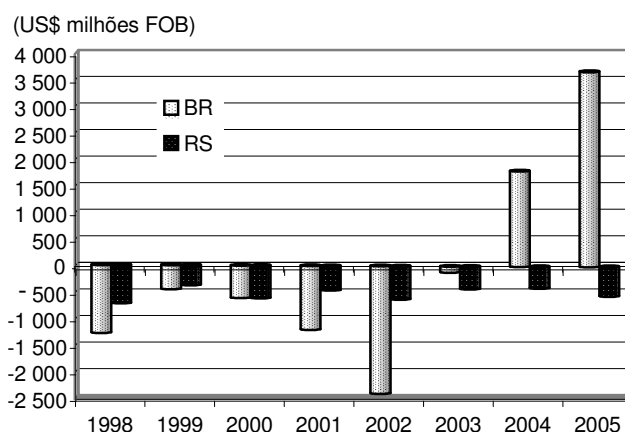
Carta  
de  
Conjuntura FEE

## As salvaguardas no comércio Brasil-Argentina

Analisando-se o intercâmbio comercial brasileiro e o gaúcho com a Argentina entre 1998 e 2005, verifica-se um saldo sempre deficitário para o Estado. Já em nível nacional, a situação reverteu-se nos últimos dois anos, ocorrendo saldos comerciais positivos e crescentes, devido aos elevados valores exportados para a Argentina, o que reflete o dinamismo do país vizinho.

Com o argumento da necessidade de recuperação de seu parque industrial, a Argentina tem adotado medidas protecionistas unilaterais para conter as importações de produtos brasileiros, com destaque para os industrializados. Esse foi o caso das restrições às exportações de geladeiras, máquinas de lavar, televisores e calçados em anos anteriores. E, em 2006, foi firmado um acordo de salvaguarda entre os dois países — Mecanismo de Adaptação Competitiva (MAC) —, que permitirá a adoção de cotas temporárias quando o aumento das importações de um sócio prejudicar a indústria local. Isso tem ocasionado manifestações de protesto no Brasil, com ênfase na indústria calçadista gaúcha. O MAC poderá ser usado por ambos os países, mas a regra aplica-se basicamente à Argentina, apesar de alguns produtores gaúchos, como os de vinho, trigo e arroz, já estarem estudando o assunto. Se isso vier a prejudicar as relações intrabloco, não significa o fim do Mercosul. Entretanto é preciso que não haja desvio de comércio de parceiros para outros fornecedores extrabloco, como ocorreu em anos anteriores, na Argentina. Entre medidas unilaterais ou acordos que exijam consultas prévias, ainda parecem ser estes últimos os menos prejudiciais.

Saldos comerciais brasileiro e gaúcho com a Argentina — 1998-05



FONTES DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Sônia Unikowsky Teruchkin (FEE/CEES)

## Setor moveleiro gaúcho em dificuldades: as vendas externas não explicam tudo

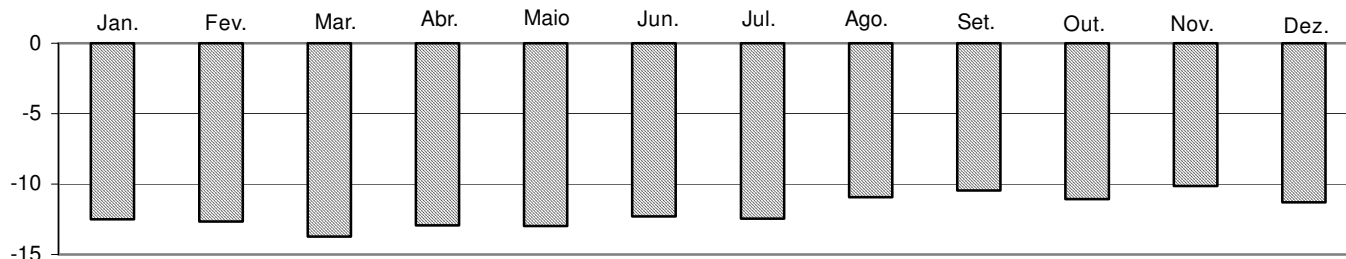
A indústria gaúcha de móveis apresentou, em 2005, um desempenho negativo muito forte: -11,3% na produção física industrial. Se considerarmos que, em 2004, o setor teve um crescimento de 12,1%, fica claro que houve uma verdadeira reversão de comportamento, o que pode ser explicado, em parte, pelas dificuldades de exportação.

A valorização do real tem prejudicado as atividades exportadoras em geral, tendo em vista que a sobrevalorização do real em relação ao dólar reduz a rentabilidade das exportações. Ainda no âmbito internacional, o setor enfrentou um acirramento da concorrência junto ao mercado estadunidense por parte da China, país que se tornou o principal concorrente mundial no setor moveleiro. Tanto para o Brasil quanto para a China, os Estados Unidos são o principal mercado para suas exportações de móveis.

Porém as dificuldades com relação ao mercado externo não parecem suficientes para explicar a reversão de comportamento do setor, tendo em vista que, no RS, não mais de 20% da produção são exportados, o que nos remete a analisar o mercado interno.

O desempenho do setor moveleiro no Brasil foi bem melhor que no RS, evidenciando o dinamismo de outras regiões produtoras. Segundo interpretações de especialistas, o pólo moveleiro gaúcho não teria conseguido aumentar sua competitividade frente aos demais, principalmente aqueles localizados mais próximos dos grandes mercados consumidores e fornecedores de insumos e de matérias-primas. Fatores logísticos, tais como os custos de transporte, estariam prejudicando o setor moveleiro do RS.

Taxa de crescimento do índice da produção física industrial do setor moveleiro no Rio Grande do Sul — 2005



FONTES: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física regional. Indicadores IBGE. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimregional/default.shtml> Acesso em: 13 fev. 2006.

NOTA: Índice acumulado (base: igual período do ano anterior = 100).

Áurea Breitbach (FEE/CEES)

## Aumenta a formalização do mercado de trabalho na RMPA

A economia do Rio Grande do Sul apresentou retração de 4,8% em 2005, tendo o setor agropecuário como destaque negativo (-15,2%), seguido da indústria (-4,8%) e de serviços (-0,5%). Contudo a queda do produto gaúcho não levou o mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) a um desempenho negativo. Ao contrário, no transcorrer de 2005, a **Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA** detectou aumento do nível ocupacional, queda da taxa de desemprego e evolução positiva do rendimento médio real dos ocupados da Região.

Em relação ao nível de ocupação, verificou-se crescimento médio de 3,3%, representando um saldo de 49 mil pessoas ocupadas, sendo o melhor desempenho desde 2001. O contingente de ocupados ficou estimado em 1.569 mil pessoas. Ainda no que se refere ao comportamento da ocupação, um aspecto que merece ser destacado é o que diz respeito às formas de inserção das pessoas no mercado de trabalho. Como é sabido, uma das características do mercado de trabalho brasileiro durante a década de 90 foi a acentuada deterioração havida na qualidade dos vínculos, com crescimento da participação das formas de inserção precárias: assalariados sem carteira de trabalho assinada e trabalhadores autônomos. Porém, nos últimos dois anos, vem-se verificando, na RMPA,

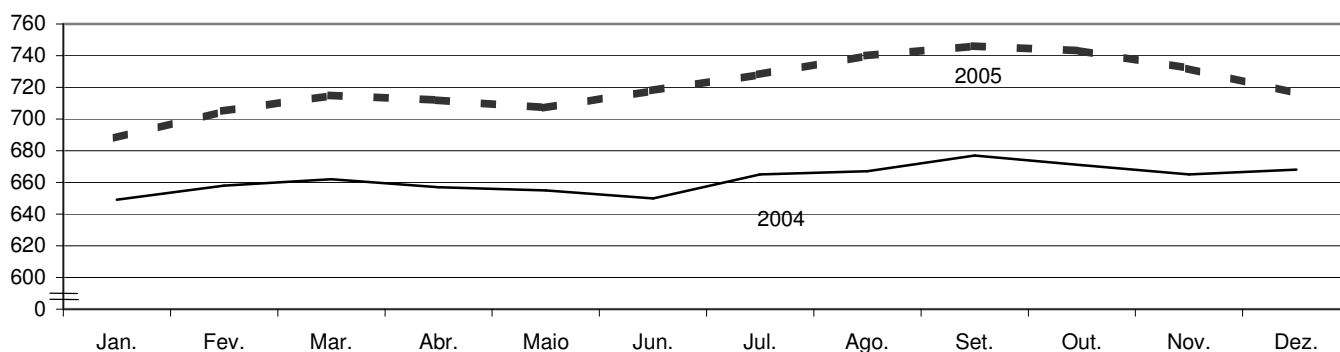
aumento da participação dos assalariados com registro em carteira no total dos ocupados. Especialmente no ano de 2005, observou-se que praticamente a totalidade da expansão da ocupação se deu pelos empregos formais, notadamente o assalariamento com carteira, que respondeu pela criação de 57 mil ocupações no ano passado. No sentido oposto, o número de assalariados sem registro em carteira experimentou queda ao longo de 2005, chegando a uma variação negativa de 4,7%.

Como mostra o gráfico, depois de os empregos com carteira registrarem aceleração de sua taxa mensal de crescimento entre janeiro e março e entre junho e setembro — atingindo, no último mês, a maior participação percentual (47,3%) desde janeiro de 1994 —, no quarto trimestre de 2005, houve uma quebra dessa tendência, passando a apresentarem variações negativas, o que, contudo, foi compensado, em parte, por um aumento do número de vínculos sem carteira.

Setorialmente, o balanço entre a criação e a destruição de ocupações formais e informais foi o seguinte: a indústria foi responsável pelo saldo positivo de 24 mil empregos com registro em carteira e eliminou 3 mil postos entre assalariados sem registro em carteira e autônomos; o comércio criou 11 mil empregos formais e 2 mil informais; e o setor serviços criou 25 mil empregos formais.

Estimativa dos assalariados com registro em carteira na RMPA — 2004 e 2005

(1 000 pessoas)



FONTE: PED-RMPA.

André Luiz Leite Chaves (FEE/PED)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 1º.03.06).

ISSN 1517-7262

A Carta de Conjuntura FEE é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria da Coordenação e Planejamento.

Tiragem: 1.200 exemplares.



**Fundação de Economia e Estatística**  
**Siegfried Emanuel Heuser**

Presidente: Aod Cunha de Moraes Junior

Diretor Técnico: Álvaro Antônio Louzada Garcia

Diretor Administrativo: Antonio Cesar Gargioni Nery [www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br)

**Conselho Editorial da Carta:** Álvaro Antônio Louzada Garcia, Adalberto Alves Maia Neto, Octavio Augusto Camargo Conceição e Roberto da Silva Wiltgen.

**Núcleo de Dados:** Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

**Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser**

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre  
 CEP 90010-283

E-mail: [conjuntura@fee.tche.br](mailto:conjuntura@fee.tche.br)

**Editoração**

**Supervisão:** Valesca Casa Nova Nonnig.

**Revisão**

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Breno Camargo Serafini, Rosa Maria Gomes da Fonseca, Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

**Editoria**

Coordenação: Ezequiel Dias de Oliveira. Composição, diagramação e arte final: Cirei Pereira da Silveira, Denize Maria Maciel, Ieda Koch Leal e Rejane Maria Lopes dos Santos. Conferência: Elisabeth Alende Lopes e Rejane Schmitt Hübner. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.